

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA, SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE E COMUNICAÇÃO HUMANA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA

Kellen Evaldt Arrosi

**RITMO, EXPERIÊNCIA, CRIAÇÃO: A MUTUALIDADE NO CONTEXTO DA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Porto Alegre

2024

**Kellen Evaldt Arrozi**

**RITMO, EXPERIÊNCIA, CRIAÇÃO: A MUTUALIDADE NO CONTEXTO DA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Psicanálise do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicanálise.

Orientadora: Profa. Dra. Milena da Rosa Silva

Linha de Pesquisa: Psicanálise, Teoria e Dispositivos Clínicos

Porto Alegre

2024

**Kellen Evaldt Arrozi**

**RITMO, EXPERIÊNCIA, CRIAÇÃO: A MUTUALIDADE NO CONTEXTO DA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Psicanálise do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicanálise.

Aprovada em 05/04/2024

Profª. Dra. Milena da Rosa Silva - Orientadora

Profª. Dra. Conceição Aparecida - Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

Profª. Dra. Tagma Marina Schneider Donelli - Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
(Unisinos)

Profª. Dra. Andrea Gabriela Ferrari - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

**RESUMO:** O presente trabalho investiga as possibilidades de experiências de mutualidade acontecerem no contexto da Educação Infantil a partir de um acompanhamento a uma turma de berçário 1 junto a um projeto de pesquisa-extensão do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Partindo do entendimento da mutualidade como fio condutor do processo de desenvolvimento emocional, que inclui um ritmo co-criado, o gradual contato com a externalidade, a capacidade para ter experiências e a abertura para a criação, buscou-se nas filmagens e nos diários clínicos do trabalho de pesquisa-extensão elementos que deram a ver a mutualidade acontecendo entre bebês, educadoras e pesquisadoras. Como resultado, evidenciou-se as vias de mão dupla das interações e os efeitos de reconhecimentos entre os atores mencionados, reverberando nas práticas de cuidado no contexto da Educação Infantil. Constatou-se certa dificuldade das educadoras em realizar uma leitura apurada das necessidades dos bebês quando estes ainda relacionavam-se de forma subjetiva com os objetos e maiores interações e efeitos de reconhecimento na medida em que os bebês cresceram e mostraram-se mais ativos. Além disso, foi a partir da externalização do reconhecimento das pesquisadoras sobre o trabalho das educadoras que elas passaram a se relacionar com os bebês de outra forma. Dessa maneira, o reconhecimento das pesquisadoras pareceu somar-se ao efeito de reconhecimento que os bebês proporcionaram às educadoras na medida em que cresceram e a relação passou de estritamente subjetiva para uma em que a externalidade, aos poucos, fez-se presente.

**Palavras-chave:** mutualidade; Educação Infantil; pesquisa psicanalítica

**ABSTRACT:** The present work investigates the possibilities of mutuality experiences taking place in the context of Early Childhood Education by a follow-up a Nursery 1 class together with a research-extension project of the Center for Studies in Psychoanalysis and Childhood at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). Starting from the understanding of mutuality as a guiding thread in the process of emotional development, which includes a co-created rhythm, gradual contact with externality, the capacity to have experiences, and openness to creation, we sought in filming and clinical diaries of the research extension work elements that revealed the mutuality happening between babies, educators, and researchers. As a result, the two-way streets of interactions and the effects of recognition between the aforementioned actors became evident, reverberating in care practices in the context of Early Childhood Education. It was found that there was a certain difficulty for educators in carrying

out an accurate reading of the babies' needs when they still related subjectively to objects and greater interactions and recognition effects as the babies grew and became more active. Furthermore, it was through the externalization of the researchers' recognition of the educators' work that they began to relate to the babies differently. In this way, the researchers' recognition seemed to add to the effect of recognition that the babies provided to the educators as they grew and the relationship went from being strictly subjective to one in which the externality, little by little, became present.

**Keywords:** mutuality; Early Childhood Education; psychoanalytic research

**RESUMEN:** El presente trabajo investiga las posibilidades de experiencias de mutualidad que ocurren en el contexto de la Educación Infantil a través del acompañamiento de una clase de párvulo 1 en conjunto con un proyecto de investigación-extensión en el Centro de Estudios en Psicoanálisis y Infancia de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS). A partir de la comprensión de la mutualidad como hilo conductor en el proceso de desarrollo emocional, que incluye un ritmo co-creado, un contacto gradual con la exterioridad, la capacidad de tener experiencias y la apertura a la creación, buscamos en los rodajes y diarios clínicos de la investigación elementos de trabajo de busca y extensión que revelaron la mutualidad que sucede entre bebés, educadores e investigadores. Como resultado, se hicieron evidentes las vías de doble sentido de las interacciones y los efectos de reconocimiento entre los actores antes mencionados, repercutiendo en las prácticas de cuidado en el contexto de la Educación Infantil. Existía cierta dificultad para los educadores a la hora de realizar una lectura precisa de las necesidades de los bebés cuando todavía se relacionaban subjetivamente con los objetos y mayores interacciones y efectos de reconocimiento a medida que los bebés crecían y se volvían más activos. Además, fue a través de la exteriorización del reconocimiento de los investigadores al trabajo de los educadores que comenzaron a relacionarse con los bebés de una manera diferente. De esta manera, el reconocimiento de los investigadores pareció sumarse al efecto de reconocimiento que los bebés brindaban a los educadores a medida que crecían y la relación pasó de ser estrictamente subjetiva a una en la que la externalidad, poco a poco, se hacía presente.

**Palabras clave:** mutualidad; Educación Infantil; investigación psicoanalítica

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	1
2. A psicanálise e o intersubjetivo.....	6
3. A mutualidade como fio condutor do processo de desenvolvimento emocional.....	11
3.1 Identificação: conceito central.....	11
3.2 Comunicações iniciais: o ritmo das vivências mútuas.....	14
3.3 Construção de experiências a partir da mutualidade: reconhecimento da externalidade.....	18
3.4 Criação e espontaneidade como, simultaneamente, desfecho e abertura.....	23
4. Os diferentes laços e o papel da Escola de Educação Infantil.....	27
5. Metodologia.....	32
6. Resultados e discussão.....	41
6.1 <i>Estar com</i> na Educação Infantil.....	41
6.2 Escritos sobre a experiência: o processo e a mutualidade.....	44
6.3 Mutualidade na Educação Infantil: quais as (im)possibilidades?.....	69
7. Considerações finais.....	74
8. Referências.....	75

## 1. Introdução

Ao longo do meu percurso teórico e clínico com a psicanálise, tive experiências que me fizeram entrar em contato com o tema dos inícios da constituição subjetiva, com aquilo que não necessariamente passa pelo campo da palavra, as quais, como trabalha Bondía (2002), requerem um gesto de interrupção. Como conceber a operação da psicanálise para além da palavra, uma vez que ela foi, originalmente, denominada “a cura pela fala”? O trabalho com bebês e crianças pequenas permeou grande parte do meu percurso formativo até então e dá pistas de como girar em torno dessa questão. Intervir com a primeira infância exige constantes reinvenções na técnica, levando em consideração elementos lúdicos, uma sensibilidade aguçada, o contato com o não-verbal e, fundamentalmente, os aspectos relacionais envolvidos na construção de uma subjetividade.

Todas essas especificidades levam a questionamentos a respeito da operação com a psicanálise a partir do encontro afetivo onde o corpo e a sensorialidade ocupam papel de destaque na cena. O interesse por tais particularidades, que me levam à escrita desta dissertação, surgiu a partir de uma experiência de acompanhamento a bebês e educadoras de berçário 1 guiada pelo olhar e pela ética psicanalítica. Sendo esta conduzida pelos processos inconscientes, o desafio consistia na tentativa de apreendê-los na relação entre bebê e educadora e de intervir de forma a contribuir para a singularização dos laços e, dessa forma, também para o percurso de subjetivação das crianças.

Considerando as relações iniciais como precursoras da formação do psiquismo e do desenvolvimento emocional, surge a questão acerca de como criança e cuidador interagem e criam um ritmo próprio para que seja possível viverem uma experiência juntos, a qual serve, paradoxalmente, para separar o bebê do adulto (Ogden, 2002). Encontro, no conceito de mutualidade de Winnicott (1969/1994), diversos elementos que permitem realizar uma leitura do que está em jogo nessa construção que, desde o início, se dá com o outro. Esses elementos auxiliam a enxergar processos iniciais de relacionamento entre o bebê e o seu ambiente, frequentemente sutis, mas de fundamental importância. A mutualidade, como chave de leitura psicanalítica, pode servir de amparo para entender as implicações dos atores que fazem parte de uma relação. Nesse sentido, ela leva em conta o que o cuidador produz no bebê e também aquilo que o bebê produz no cuidador. Conforme trabalham Carvalho e Ferrari (2022), identificar uma intersecção entre a linguagem do bebê, que se utiliza do corpo, e a do adulto, que se utiliza predominantemente da palavra, exige investimento dos sujeitos envolvidos.

Considerando a relação como aspecto fundamental para os processos de desenvolvimento psíquico, as trocas mútuas vão configurando a forma como nos colocamos no mundo e, posteriormente, diante da alteridade, possibilitando um viver mais criativo. Neste trabalho, o questionamento que surge como pergunta de pesquisa é sobre as possibilidades e impossibilidades da ocorrência de experiências de mutualidade no trabalho com bebês que frequentam Escolas de Educação Infantil. Questionamento guiado pela aposta no “estar com” como potência para o desenvolvimento das crianças e também para o reconhecimento das educadoras, bem como pela aposta em laços que não sufocam, mas sim dão espaço e auxiliam na construção de experiências.

Meu percurso até o mestrado e os interesses que até aqui me guiaram fornecem subsídios para a compreensão da investigação sobre a qual me debruço. Desde 2017 faço parte do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias (NEPIs), grupo de pesquisa e extensão que trabalhou, durante alguns anos, com a Metodologia IRDI em Escolas de Educação Infantil. Os IRDIs, Indicadores Clínicos de Referência para o Desenvolvimento Infantil (Kupfer & Fonseca, 2022), apresentam-se como um conjunto de 31 indicadores que apontam para um processo de constituição subjetiva em andamento. O NEPIs realizava acompanhamentos semanais a turmas de berçário que incluíam a observação das potencialidades e eventuais dificuldades constitutivas dos bebês, na criação de vínculos e no relacionamento com o outro e intervenções em ato — como dar voz a um bebê que ainda não fala, lançar uma pergunta às educadoras diante das práticas instituídas e servir de modelo especular através do brincar, tendo a Metodologia IRDI como pano de fundo e guia do olhar (Ferrari et al., 2017; Silva & Ferrari, 2021a). Foi nesse contexto que me aproximei do tema dos inícios e ele passou a me instigar, quase que concomitantemente ao meu início no contato com a psicanálise.

Durante a graduação em Psicologia, fiz uma das minhas práticas de estágio em uma instituição que trabalhava com atendimentos em grupo de crianças com graves sintomas clínicos, os quais podemos entender como quadros de autismo e psicose infantil (Bernardino, 2004). Funcionamentos muito primitivos — que, frequentemente, colocavam o corpo em jogo — estavam, mais uma vez, em cena no campo clínico. Posteriormente, na minha clínica particular, também conduzi atendimentos com crianças pequenas que traziam, constantemente, a sensorialidade e a corporeidade para o *setting*.

Inseri-me, também, na equipe da Clínica em Tempo, a qual, em sua atuação, trilha um caminho de intersecção entre o clínico e o educacional. Através do trabalho de assessoria a Escolas de Educação Infantil realizado por algumas colegas, pude me aproximar do trabalho

com a educação e das reflexões acerca do papel subjetivante do educador e da educadora na constituição do bebê e da criança pequena que encontra-se sob seus cuidados. É a partir do percurso supracitado e do desejo de continuar pensando acerca das manifestações da infância em psicanálise na intersecção com o campo educacional que surge a presente dissertação de mestrado.

Já neste momento inicial da escrita, considero importante situar uma questão que tem sido discutida ao longo dos últimos anos no Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias (NEPIs) e que provoca movimentações conceituais, reverberando também neste trabalho. Trata-se do uso das nomenclaturas materna e paterna, tão comuns e estruturantes da teoria psicanalítica, a qual toma como modelo hegemônico a concepção de família patriarcal burguesa. Ferrari e Silva (2021b) trabalham essa questão dizendo que, mesmo que se coloque que tais funções encontram-se desvinculadas da necessidade de referir-se à mãe e ao pai — considerando as diversidades familiares e de agentes de cuidado (incluindo as educadoras) na contemporaneidade —, a referência a essas figuras persiste.

Em relação à abordagem winnicottiana, Ferrari e Silva (2021b) apontam a ênfase dada ao papel da mãe — em carne e osso — no desenvolvimento do bebê. Por outro lado, ao tecer a ideia de um ambiente atento às necessidades da criança, Winnicott aponta para processos que não precisam estar atrelados a um pai e a uma mãe, e sim a figuras capazes de, no início, adaptarem-se totalmente às necessidades da criança e, posteriormente, também desadaptarem-se na medida em que ela vai ganhando a capacidade de utilizar recursos próprios (Araújo, 2003). No texto “*O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil*”, Winnicott (1967) aponta que a tarefa de desenvolvimento do bebê torna-se mais complicada se “ninguém está presente para ser a mãe” (p. 178). A partir dessa colocação, é possível perceber que “mãe” refere-se a um papel a ser desempenhado, e não à figura da mulher em um casal parental.

As ideias de elemento feminino puro — definido como a capacidade de identificação, possibilitando alguém *ser e deixar ser* — e de elemento masculino puro — relacionado com os impulsos instintuais e com a necessidade de *fazer* — (Winnicott, 1966a/1994) são abordadas por Serralha (2018) a fim de apontar aberturas possíveis a partir da teoria winnicottiana às novas configurações familiares e também ao papel dos profissionais de instituições que se ocupam do cuidado de crianças pequenas no processo de amadurecimento emocional de um bebê. Conforme a autora, essa teoria possibilita que os papéis parentais sejam exercidos independentemente do sexo, apesar de Winnicott, atravessado pela cultura da época, ter nomeado os elementos como feminino e masculino. Nesse contexto, Serralha

(2018) defende que os elementos são passíveis de serem denominados como “elemento identidade puro” e “elemento instintualidade puro”. Tais nomes seriam, de acordo com a autora, mais fiéis ao que Winnicott estava tentando comunicar: que a construção de um ambiente facilitador depende de funções que não estão ligadas ao sexo ou ao gênero de quem as desempenha, mas sim que sejam capazes de satisfazer as necessidades do indivíduo em processo de amadurecimento (Serralha, 2018) .

Vera Iaconelli (2023) encontra no próprio texto de Winnicott um contraponto à tendência do autor a vincular o conceito de *preocupação materna primária* — ligado à capacidade de identificação com o bebê e a uma leitura apurada de suas necessidades nos estágios iniciais de desenvolvimento — à gestação e ao parto, em um entendimento que, segundo ela, serve de munição para um *modelo uterino* do cuidado. Em “*Os bebês e suas mães*”, Winnicott (1966b/1994) traz, em suas considerações sobre a mãe:

[...] ela também já foi um bebê, e traz consigo as lembranças de tê-lo sido; tem igualmente recordações de que alguém cuidou dela, e estas lembranças tanto podem ajudá-la quanto atrapalhá-la em sua própria experiência como mãe (p. 4).

O que Iaconelli (2023) destaca é o fato de Winnicott (1966b/1994) trazer como condição que permite a identificação da mãe com o bebê algo que perpassa a experiência de todos: já ter sido um bebê. Dessa forma, “homens, mulheres, cisgênero, transgênero, não binários, hetero ou homossexuais estariam, a princípio, aptos a se identificar suficientemente com um bebê” (Iaconelli, 2023, p. 104). A autora propõe um arejamento na teoria psicanalítica, que não desemboque em um discurso maternalista, mas sim que provoque a implicação da sociedade como um todo no cuidado com as próximas gerações.

Tendo isso em vista, nesta dissertação darei preferência para a utilização dos termos “cuidador primordial” e “ambiente” para sinalizar os papéis tradicionalmente atribuídos à mãe — porém, em algumas momentos será inevitável a utilização do termo “mãe” ou “materna”, tendo em vista a teoria a partir da qual me embaso. Essa escolha se dá pela aposta de que, ao utilizar termos diferentes, possa se produzir um deslocamento ao que na teoria de Winnicott apresenta-se fortemente vinculado ao papel da mãe, mesmo que em sua obra haja ressalvas sobre este poder ser desempenhado por outras pessoas. De forma semelhante, também utilizarei predominantemente o termo educadora em vez de educador. Isso em razão de encontrarmos, em sua maioria, mulheres ocupando tal função profissional.

Com o intuito de poder articular teoricamente a experiência de acompanhamento a bebês e educadoras em uma turma de berçário 1 e, paradoxalmente, tentar dar palavra ao inominável da sensação, lancei-me ao desafio de inserção no Programa de Pós-Graduação em

Psicanálise: Clínica e Cultura da UFRGS. Minha pesquisa vincula-se à Linha de Pesquisa Psicanálise, Teoria e Dispositivos Clínicos, desde PPG, e ao projeto guarda-chuva do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias (NEPIs) denominado “Infâncias e psicanálise: metodologias, dispositivos e intervenção” e tem como objetivo geral investigar como experiências de mutualidade podem ocorrer no contexto escolar, especificamente na relação entre educadoras e bebês de uma turma de berçário 1, pinçando elementos que dão a ver essa ocorrência. Paralelo a isso, como objetivos específicos têm-se o intuito de apreender algumas reverberações das experiências de mutualidade nos bebês e nas educadoras acompanhadas e também reverberações das intervenções das pesquisadoras, subsidiadas pela psicanálise, nessas relações.

Nesta dissertação, inicialmente traçarei um breve percorrido teórico sobre algumas concepções intersubjetivas em psicanálise. Em seguida, irei apresentar o conceito de mutualidade como uma operação psíquica que se dá com o outro, em uma relação inicialmente subjetiva e, posteriormente, na dimensão do *entre*, a qual proporciona, como desfecho, a construção de experiências e o espaço para a criação. Também estará presente neste escrito uma breve contextualização histórica da Educação Infantil no Brasil e uma discussão sobre o papel dos laços estabelecidos pela criança no ambiente escolar. Em seguida, apresentarei a metodologia utilizada para a escrita da presente dissertação, situando esta como uma pesquisa psicanalítica. Na parte da discussão, trarei textos construídos a partir dos registros dos dias de acompanhamento à Escola de Educação Infantil articulados com a teoria, costura que elucidará o que apresentarei como resultados da pesquisa.

## 5. Metodologia

Tomando como objeto de investigação o campo dos processos inconscientes a partir das movimentações transferenciais, a presente pesquisa situa-se como uma pesquisa psicanalítica. Freud (1912/2012) situa que, em psicanálise, investigação e tratamento coincidem, sendo, portanto, a clínica — em seus mais variados contextos — o motor a partir do qual advém o anseio pelo saber. A ética da pesquisa psicanalítica diz respeito à possibilidade da inquietação surgir no pesquisador a partir da problematização daquilo que é aparente nas ações humanas e dos sentidos presentes nos discursos (Dallazen et al., 2012). Essa inquietação evidencia que o ato de pesquisar em psicanálise envolve a implicação do pesquisador diante daquilo que decanta como questão a partir do contato com a prática psicanalítica.

Iribarry (2003) salienta que, assim como em uma análise, em que se prioriza o estilo e a marca singular daquele que se coloca como analista, na pesquisa psicanalítica o autor, após apropriar-se do método freudiano, singulariza-o sem deixar de estar filiado a ele. O pesquisador descobre, assim, um método que lhe é próprio. Na mesma via, Moreira, Oliveira e Costa (2018) consideram necessário que o pesquisador se posicione como analisante, isto é, que seja movido pelo não saber, produzindo efeitos sobre si e no próprio processo de investigação. Dessa forma, as experiências do pesquisador e, portanto, a sua própria subjetividade, têm lugares importantes na construção da pesquisa.

Discorrendo acerca do método clínico de pesquisa em psicanálise, Diniz (2011) evidencia a incidência de elementos inconscientes na construção do conhecimento, os quais, por vezes, não serão nomeados e se apresentarão como obstáculos na construção da pesquisa. São, nesse ínterim, as perguntas que irão auxiliar o pesquisador a situar-se entre o que se sabe e o que não se sabe e, “nesse movimento de instaurar perguntas, ao invés de tentar responder a todas elas, o/a pesquisador/a nutre o seu desejo de saber” (Diniz, 2011, p. 13). São incluídos, para a autora, no método clínico de pesquisa, os valores e posições subjetivas daqueles envolvidos no processo, sendo a verdade científica sempre parcial e não toda.

Nesse sentido, penso ser relevante para a construção metodológica situar novamente o meu percurso até o mestrado, bem como os interesses que até aqui me guiaram. Como já mencionado anteriormente, faço parte, desde o ano de 2017, do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias (NEPIs), grupo de pesquisa que trabalhou, durante alguns anos, com a Metodologia IRDI em Escolas de Educação Infantil. O conjunto de 31 Indicadores Clínicos

de Referência para o Desenvolvimento Infantil<sup>1</sup> (Kupfer & Fonseca, 2022) apontam para um processo de constituição subjetiva em andamento. Dessa forma, a ausência de alguns deles sinalizam possíveis entraves constitutivos.

O instrumento IRDI foi pensado inicialmente como ferramenta para consultas pediátricas, atentando-se para a relação mãe-bebê, para o que ia bem no desenvolvimento da criança e também para aquilo que indicava sinais de sofrimento psíquico. Porém, os contextos de intervenção com ele foram expandidos, inclusive para o da creche a partir dos trabalhos de Bernardino e Mariotto (2010), o que colocou em cena o papel das educadoras de berçário como participantes da constituição psíquica dos bebês, podendo os indicadores também serem observados na relação educadora-bebê.

Inspirado por esses trabalhos e por encaminhamentos de crianças para atendimento na clínica-escola da universidade, os quais colocavam em cena o papel do espaço escolar em seus processos de desenvolvimento subjetivo, o NEPIs decidiu, no ano de 2014, também propor um acompanhamento a Escolas de Educação Infantil tendo como eixo central a Metodologia IRDI. Nessa primeira versão do projeto de pesquisa-extensão, 7 Escolas de Educação Infantil pertencentes e conveniadas à Prefeitura de Porto Alegre foram acompanhadas (Silva & Ferrari, 2021a). Posteriormente, novos acompanhamentos aconteceram no ano de 2018 em três escolas e no ano de 2019 em duas<sup>2</sup>. Nesses últimos anos, nos quais eu participei como bolsista de extensão e de iniciação científica, o grupo passou a utilizar os indicadores do IRDI muito mais como balizadores do olhar e pano de fundo para as intervenções, fazendo com que eles não ocupassem mais um lugar central no trabalho.

O registro da experiência passou a ganhar importância nas discussões do grupo na medida em que nos deparávamos, na prática, com aspectos do campo que iam para além dos indicadores. É nesse contexto que surge como proposta metodológica a construção de diários clínicos. No diário clínico, além de um relato descritivo das cenas vivenciadas durante os turnos de acompanhamento nas escolas, faziam-se presentes percepções pessoais dos pesquisadores. Desse modo, era possível colocar em palavras e promover a elaboração dos

---

<sup>1</sup> Os indicadores são divididos em 4 faixas-etárias (0-4 meses incompletos, 4-8 meses incompletos, 8-12 meses incompletos e 12-18 meses) e foram construídos a partir de 4 eixos teóricos que são entendidos, a partir da psicanálise, como importantes no processo de constituição psíquica: Suposição de Sujeito, Estabelecimento da Demanda, Alternância Presença/Ausência e Função Paterna (Kupfer et. al, 2009).

<sup>2</sup> O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e encontra-se inscrito na Plataforma Brasil. Número do CAAE: 22411213.9.0000.5334

acontecimentos e afetos sentidos em um primeiro tempo, o qual chamamos de tempo da experiência (Silva, Oliveira & Ferrari, 2022).

Esse primeiro tempo refere-se ao do encontro com o outro, com o campo, abrangendo os elementos de surpresa e encantamento. Silva, Oliveira e Ferrari (2022), apoiam-se nas ideias de Larrosa (2011) para pensar acerca da experiência como aquela que compreende subjetividade, reflexividade e transformação, e nas proposições de Winnicott para dar lugar aos aspectos pré-verbais, às nuances, aos ritmos e ao brincar que a compõem. Dessa forma, na experiência de acompanhar semanalmente uma turma de berçário em sala de aula, na qual permanecíamos em uma postura disponível, mas não invasiva, acabamos por perceber as possibilidades de brincar dos bebês, das educadoras e as nossas (Silva, Oliveira & Ferrari, 2022).

O segundo tempo metodológico diz respeito à escrita do diário clínico propriamente dito. Nele, existe uma coexistência entre o relatar, voltado à documentação e memorização de ações humanas (Costa, 2009) e o narrar, referindo-se à ficção, quando existe uma fusão entre autor e narrador (Silva, Oliveira & Ferrari, 2022). Pensamos que o termo diário implica uma dimensão íntima, que se propõe a também falar daquilo que se passa com o pesquisador no desenrolar da pesquisa. O diário servia como recurso para o registro da experiência, que nos auxiliava a realizar aquilo que Jerusalinsky e Berlinck (2008) nomeiam como leitura de bebês, a qual possibilita um saber fazer em vez de permanecer capturado no fascínio e estranhamento que o sintoma produz. Os autores apontam que é no discurso posto em ato nos cuidados dirigidos ao bebê que se organizam as suas funções corporais, uma vez que o bebê é estrangeiro, mas profundamente familiar, “dado que é da rede significativa parental que se recortam inconscientemente para o bebê os traços a partir dos quais ele estabelece sua filiação” (Jerusalinsky & Berlinck, 2008, p. 129).

Tomando a complexidade da experiência nas escolas, onde tais elementos também aparecem, não com os cuidadores primordiais — tradicionalmente atribuídos às figuras dos pais — mas na relação dos bebês com suas educadoras, o diário clínico apresentou-se como um potente método construído conjuntamente de registro daquilo que se passava no campo de pesquisa-intervenção. Os diários eram escritos logo após as visitas às escolas e continham cenas, falas das educadoras, atos dos bebês e também dúvidas, sentimentos, reflexões e preocupações das pesquisadoras (Silva, Oliveira & Ferrari, 2022). Como o acompanhamento acontecia em duplas, dois diários eram produzidos de um mesmo turno em uma mesma turma. Além disso, um terceiro pesquisador, que não participava das visitas, tecia comentários a respeito de cada diário clínico e o material era, por vezes, discutido na reunião

do grupo de pesquisa, momentos em que era possível elaborar e sustentar o acompanhamento realizado a partir de múltiplos olhares.

Além dos diários, a experiência nas turmas de berçário também foi registrada através de filmagens. Com a autorização das professoras, da coordenação da escola e dos pais dos bebês a partir da assinatura de Termos de Consentimentos Livre e Esclarecido (TCLE), deixávamos, em algumas visitas, uma câmera ligada em um ângulo que abarcasse a maior parte possível da sala de aula. Assim, outras nuances das interações entre bebês, educadoras e pesquisadoras que acabavam ficando de fora na escrita dos diários clínicos também puderam ser capturadas.

É a partir da análise das filmagens e da leitura dos diários clínicos que se apresenta a construção metodológica desta pesquisa, que resulta, com a escrita da presente dissertação, no terceiro tempo: o do relato clínico (Silva, Oliveira & Ferrari, 2022). Esse terceiro tempo é o momento da teorização, permitindo que análises teórico-clínicas sejam realizadas a partir da articulação entre as filmagens, os diários e a teoria psicanalítica.

Os três tempos trabalhados por Silva, Oliveira & Ferrari (2022) articulam-se com as proposições de Dal Forno e Macedo (2021), que também organizam uma metodologia possível à pesquisa psicanalítica em três tempos: o testemunho da narrativa, a orientação/supervisão com o orientador psicanalista e a apresentação dos achados aos pares por meio do ensaio metapsicológico. O testemunho da narrativa, nesta pesquisa, deu-se pela experiência de *estar com* educadoras e bebês em uma turma de berçário. A orientação/supervisão com a orientadora psicanalista desdobrou-se em dois outros tempos: um, no ano de 2019, quando as impressões sobre os dias de visitas, sobre os diários clínicos e as filmagens, eram compartilhados com o grupo de pesquisa; e outro no *a posteriori* do percurso no mestrado, por meio de encontros com a orientadora a fim de revisar a experiência anterior e daí decantar as articulações teóricas e interpretações dos achados que têm como resultado esta dissertação.

Sobre o uso de filmagens em psicanálise, Ide (2021) aponta o vídeo como recurso que é capaz de apresentar fenômenos que nos escaparam à primeira vista, possibilitando a aproximação da cena com outra visada, evidenciando, dessa forma, sua função de recordar. Citando Taperman (2005), Ide (2021) menciona discussões levantadas pela autora: o possível conflito entre a filmagem e a atenção flutuante, uma vez que algo do inapreensível, balizado pela transferência, sempre está presente nesta última; e a busca contestável por um registro mais fidedigno, uma vez que a interpretação sempre vem daquilo que o pesquisador registra, seja a olho nu ou através de uma lente.

Recorrendo à cena especular winnicottiana em que a mãe confia que seu olhar capta algo do bebê e devolve esse algo a ele, o qual então reconhece o seu reflexo e esse algo como fazendo parte de si próprio, Ide (2021) traça um paralelo com a possibilidade de utilização de vídeos em psicanálise. O autor aponta que a experiência de ilusão contida em tal cena não envolve apenas o ponto de vista do bebê, “mas também a perspectiva da mãe e sua fé perceptiva que, vista de fora, nem sempre parecerá razoável, mas, de dentro, terá sempre valor real” (Ide, 2021, p. 320). Percebemos, aqui, a via de mão-dupla (Benjamin, 2006) da mutualidade como possibilidade metodológica para análise das filmagens, situando o pesquisador nessa zona de ilusão durante a revisão do vídeo, em uma postura semelhante a da mãe com seu bebê. Isso porque, conforme Ide (2021):

uma vez submetidos à construção não apenas física, como também ideológica da câmera como uma objetiva, assumimos a aura de objetividade da imagem e experimentamos a impressão de realidade do que lá vemos; a partir daí não se trata mais de uma projeção, antecipação, precipitação, mas toma corpo, interiormente, a impressão de que sim, de fato, havia algo ali na criança, cuja aparição a câmera foi capaz de ver e registrar. Trata-se da mesma convicção interna, concernente à ilusão materna, de apreensão de uma realidade da criança e nunca de um derivado projetado de si próprio (Ide, 2021, p. 320).

Essa convicção interna, conforme trabalha Ide (2021), proporciona um olhar que antecipa o potencial da criança que já está lá, marcando uma “significação pré-figurada que só se cumpre a posteriori mediante a experiência” (Ide, 2021, p. 319). Dessa forma, para o autor, o Eu colhe, posteriormente, a significação prévia do potencial inato. No trabalho com vídeos em psicanálise, o autor aponta para um caminho metodológico em que o analista/pesquisador, situa-se nessa zona de ilusão, apreendendo a realidade da criança que já está lá para ser descoberta e podendo servir como um espelho mais favorável às crianças ao lhes restituir uma imagem própria, e não o narcisismo daquele que ocupa-se de seus cuidados (Ide, 2021). Ademais, falando sobre a filmagem de atendimentos com crianças autistas, o autor discorre:

Como não admirar pequenas e fugidias cenas de abertura durante a revisão do material em vídeo? Seja um breve olhar dirigido de modo mais direto a outra criança, seja um murmúrio, aparentemente sem sentido, que, mediante manipulação da banda sonora, revela já conter vestígios de silabação (Ide, 2021, p. 322).

Na intervenção com bebês, o olhar, o murmúrio e o gesto também têm grande valia. A análise das filmagens auxilia na investigação dessas sutilezas e na recuperação de aspectos daquilo que nos faltou ao vivo, mantendo sempre no horizonte a incapacidade de uma apreensão total dos fatos. Assim, sob o efeito da ilusão diante da revisão do vídeo (Ide, 2021) — confiando que o olhar da pesquisadora capta algo dali e o devolve, neste contexto, não ao bebê, mas ao processo de elaboração teórica da dissertação — foi possível retomar os momentos em sala de aula com mais apostas sobre os bebês, as educadoras e as relações estabelecidas nesse contexto.

Falando sobre o uso de filmagens a partir de uma experiência de grupo terapêutico com crianças com diagnóstico de autismo, Lucero et al. (2021) apontam que, nessa vivência, a câmera ficava sob a posse de algum dos integrantes da equipe. Portanto, nem tudo era capturado, dependendo da escolha daquele que filmava. Ou seja, a filmagem, que para eles configurava-se como o primeiro relato, trazia consigo o olhar daquele que filmou (Lucero et al., 2021). Os autores apontam que o retorno ao que se passou no momento do grupo e a captura de sutilezas antes não percebidas só tinham sentido no momento em que o dito de cada integrante da equipe trazia um novo olhar sobre o vídeo nos momentos de supervisão coletiva (Lucero et al., 2021).

Dias (2015), em sua tese, desenvolve a questão sobre o lugar da imagem e seus efeitos na transmissão da clínica da primeira infância, em especial a filmagem na clínica com bebês, os quais *dão-a-ver* suas manifestações através do corpo. A autora defende a leitura da imagem, e não a observação; a decifração, e não a decodificação; e o olhar em vez do “ver”; agrupando, assim, leitura, decifração e olhar por remeterem a uma posição em que se enlaça à noção de sujeito do inconsciente na proposição do trabalho com a imagem (Dias, 2015). Dessa forma, é pensada uma posição psicanalítica teórico-clínica diante do vídeo, a qual desvia da concepção de que o uso da imagem trata de buscar na realidade algo previamente codificado.

No Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias, tomamos as posições do pesquisador e do objeto de pesquisa em uma dimensão “do *entre*”, onde há uma construção recíproca do processo de pesquisa em uma zona intermediária, marcada pela singularidade dos encontros que são sempre únicos (Silva, Silva, Ferrari & Silva, 2023), afastando-se de uma concepção de neutralidade que não conta com a implicação do pesquisador. Nesse sentido, a conceitualização winnicottiana sobre os fenômenos transicionais (Winnicott, 1953/2019) nos auxilia a pensar em um modo de produção de pesquisa em psicanálise que desconstrói a primazia do lugar do pesquisador ou do lugar de objeto, situando o campo como

aquele que constrói o pesquisador e vice-versa, em uma zona de experimentação e de influências mútuas. Levando isso em consideração, tivemos o cuidado de nos apresentar às educadoras, na experiência de acompanhamento às turmas de berçário, em uma posição de horizontalidade, no intuito de aprendermos, juntas, sobre os cuidados com os bebês.

A construção metodológica desta dissertação foi feita a partir das filmagens e da leitura atenta dos diários clínicos produzidos a partir do acompanhamento realizado pelo NEPIs a Escolas de Educação Infantil no ano de 2019 com o objetivo de investigar a ocorrência de experiências de mutualidade e de que forma elas ocorriam, ou quais as dificuldades encontradas para a sua ocorrência em uma turma de berçário. De forma paralela e como objetivos específicos, teve-se como intuito apreender algumas reverberações das experiências de mutualidade nos bebês e nas educadoras acompanhadas e também reverberações das intervenções das pesquisadoras, subsidiadas pela psicanálise, nessas relações.

O acompanhamento em questão aconteceu semanalmente durante 7 meses (de maio a novembro de 2019) a uma turma de berçário 1 de uma Escola de Educação Infantil conveniada à Prefeitura de Porto Alegre, localizada em uma região periférica da cidade. A turma era composta por 10 bebês (de idades que variavam de 6 a 16 meses) e 2 educadoras, sendo uma delas assistente. A educadora titular neste escrito será chamada de Letícia<sup>3</sup>, e as quatro outras educadoras assistentes que passaram pela turma ao longo do ano de 2019 de Amanda, Fernanda, Sabrina e Juliana. Uma outra colega pesquisadora, Paola<sup>4</sup>, e eu permanecemos durante um turno de aproximadamente 4 horas junto à turma, observando, brincando e conversando com bebês e educadoras. Todos os dias de acompanhamento foram registrados através da escrita dos diários clínicos e 7 deles foram também filmados. A câmera ficava posicionada em um local fixo que abarcasse a maior área possível da sala, no intuito de captar ao máximo as interações que ocorriam ao longo da manhã.

Na análise do material, primeiramente foram assistidas as filmagens de todos os dias em que levamos a câmera para a sala de aula. Ao mesmo tempo, foi anotado, em formato de tópicos, o minuto em que alguma cena que chamava a atenção por sua articulação com a temática aqui desenvolvida acontecia, juntamente com um breve relato dela. Após esse processo, foram escritos textos que continham as cenas anteriormente anotadas em tópicos de

---

<sup>3</sup> Todos os nomes utilizados nesta dissertação foram modificados a fim de manter o sigilo sobre os participantes da pesquisa.

<sup>4</sup> Agradeço à colega Paola Pujol Manzoli pela parceria no acompanhamento junto à turma de berçário e por seus registros em diário clínico que me auxiliaram na construção desta dissertação. Ela autorizou a menção ao seu nome no presente trabalho.

forma mais minuciosa, juntamente com as minhas impressões do dia de acompanhamento após assistir à filmagem. Depois de ver os vídeos de cada dia, o meu diário clínico da mesma data também foi lido, a fim de colher impressões adicionais, as quais foram adicionadas a esses textos, juntamente com articulações teóricas. A escolha de ler apenas os meus diários clínicos dos dias em que houve filmagem se deu como forma de enxugar o material disponível e direcionar as análises. Em alguns momentos, a fim de elucidar questões, os meus diários clínicos de outras datas foram consultados, além dos diários da outra pesquisadora que me acompanhava. Houve um período de aproximadamente dois meses em que o acompanhamento às escolas não foi registrado por filmagens. No intuito de entender o que se passou durante esse tempo e na tentativa de transmitir a experiência sem deixar grandes lacunas temporais, os meus diários clínicos e os diários de Paola foram consultados e deles foram confeccionados escritos que fazem parte desta dissertação, mesmo que não haja filmagens que correspondam às datas dos diários.

Desse processo resultaram textos que, juntos, propõem-se a transmitir a experiência de acompanhamento à turma de berçário 1 ao longo dos 7 meses mantendo certa cronologia, no intuito de nomear as movimentações que foram acontecendo ao longo desse tempo. Esses textos serão apresentados juntamente com a teorização, de forma que resultados e discussão estejam entrelaçados. Nesse ponto da metodologia, apoiamo-nos no estudo clínico proposto por Rodolfo (2004), o qual diz respeito a um modo de contar e pensar o trabalho em psicanálise considerando os seus fluxos e refluxos, que raramente apresentam-se de forma linear. O trabalho do pesquisador psicanalítico, assim como o do analista, é marcado por particularidades que aproximam-se mais da sinuosidade, permeada por curvas e zigue-zagues, do que da lógica. Sinuosidade é a palavra que Rodolfo (2004) utiliza para dar conta da forma como se dá o estudo clínico, não só como um método, mas também como uma *atitude*.

No estudo clínico, a proposta é de, em um movimento de vai e vem, ir desdobrando perguntas sem respostas imediatas, evitando cair em um pingue-pongue de pergunta-resposta.

Eis aqui o *abc* da forma psicanalítica de processamento de materiais, tampouco assimilável à aplicação de um molde sobre uma massa. Em todo caso, do amassar, do amassado irá surgindo a conceitualização. No estudo procura-se reproduzir certo modo do caminhar que, cotidianamente, no consultório, enfrentamos como podemos (Rodolfo, 2004, p. 32).

Nesse sentido, no processo de amassar (Rodolfo, 2004) o material presente nas filmagens e nos diários clínicos, as cenas serão colocadas a dialogar com a teoria de que dispomos. O

resultado desse processo estará presente no próximo capítulo, após um percurso acerca da transferência da pesquisadora no campo de pesquisa.

## 7. Considerações finais

Assim como o processo de desenvolvimento emocional proposto por Winnicott, este estudo transmitiu o processo de acompanhamento a uma turma de berçário ao longo de sete meses, visando investigar os também processos de mutualidade que ocorriam em tal contexto. Levou-se em conta o que as educadoras provocavam nos bebês, o que os bebês provocavam nas educadoras, o que as pesquisadoras provocavam nas educadoras e nos bebês e o que estes provocavam nas pesquisadoras, evidenciando a complexidade das relações que nunca são apenas unidirecionais.

Desde as comunicações silenciosas, passando pelo ritmo co-criado, pelas identificações, pelas possibilidades de viver uma experiência até a emergência do espontâneo e do criativo (não necessariamente nessa ordem): situamos o fio condutor da mutualidade em meio a esse desenrolar. A Educação Infantil é um espaço potencial para esses movimentos, no qual encontramos abertura para as identificações e criações de vínculos fora do ambiente familiar. Isso sem desconsiderar as especificidades e dificuldades do contexto que colocam entaves ao pleno exercício de um trabalho de cuidado perpassado pelo afeto.

Lançar-se ao desafio de articular experiência e teoria no campo das relações iniciais, onde se faz necessário o exercício de dar palavra àquilo que não passa pela comunicação verbal, exige reinvenção, redescoberta e um olhar atento, atento ao encantador e ao inominável das entrelinhas. É como tentar dar notas ao leitor do que, paradoxalmente, não pode ser traduzido.

Algo sempre escapa, entre o viver e o narrar algo sempre fica. Recorro à Clarice Lispector, presente na epígrafe deste trabalho, para dizer que talvez o melhor não esteja aqui, o melhor ficou. Ficou no gosto do café passado na cantina da escola que nos era oferecido de manhã cedo, no cheiro da comida da trabalhadora da cozinha que todos os dias entregava o almoço às crianças, no sorriso da coordenação ao nos receber, no olhar curioso e desconfiado das educadoras sobre o que estávamos fazendo ali, nas gostosas gargalhadas das crianças, na vibração que, juntas, tínhamos a cada nova descoberta de um bebê... Ou melhor, talvez o melhor não tenha ficado, o melhor está, está nas entrelinhas do que aqui pôde ser dito.

## 8. Referências

- Ab'sáber, T. (2021). *Winnicott: experiência e paradoxo*. São Paulo: Ubu Editora.
- Araújo, C. A. S. (2003). O ambiente na obra de Winnicott: teoria e prática clínica. *Winnicott E-prints*, 2(2).
- Arrosi, K. E.; Silva, M. R.; Ferrari, A. G. (2022). Mulheres, mães, educadoras: notas sobre (im)possibilidades na transmissão do cuidado. *Revista Educação - Santa Maria*, v. 47.
- Benjamin, J. (2006). Two-Way Streets: Recognition of Difference and the Intersubjective Third. *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, 17(1), 116-146.
- Benjamin, J. (2018). *Beyond Doer and Done To: Recognition Theory, Intersubjectivity and the Third*. London and New York: Routledge.
- Bernardino, L. M. F. (2004). *As Psicoses Não-Decididas da Infância: Um Estudo Psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bernardino, L. M. F., Vaz, C., Quadros, M. e Vaz, S. (2008). Análise da relação de educadoras com bebês em um centro de educação infantil a partir do protocolo IRDI. In: *De bebê a sujeito: Metodologia IRDI nas creches*. São Paulo: Escuta.
- Bernardino L.; Mariotto, R. M. M. (2010). Psicanálise e educação infantil: diálogos a partir de uma pesquisa. *Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba*, (20), 131-146.
- Brandão, D. B dos S. R. (2016). A função educativa no laço professor e bebê a partir do desejo: alcances e limites. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. PPG em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.
- Brasil. (2020). *Constituição da República Federativa do Brasil: Promulgada em 5 de outubro de 1988*. (56. ed.). Saraiva.

Brasil. (1996). Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n 19.

Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Carvalho, M. G.; Ferrari, A. G. (2022). Intersubjetividade e interludicidade na creche: brincar e constituição psíquica do bebê. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 26.

Cintra, E. M. U. (2018). Dominar, submeter-se, libertar-se: Jessica Benjamin e os laços de amor. *Psicologia em Revista*, 24(3), 686-704.

Coelho Júnior, N. E. (2001). A noção de objeto na psicanálise freudiana. *Ágora*, 4(2), 37-49.

Costa, S. R. (2009) *Dicionário de Gêneros Textuais*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.

Crespin, G. C. (2016). *À escuta das crianças na educação infantil*. São Paulo: Instituto Langage.

Dallazen, L.; Giacobone, R. V.; Macedo, M. M. K.; Kupermann, D. (2012). Sobre a ética em pesquisa na psicanálise. *PSICO*, 43(1), 47-54.

Dias, I. S. (2015). A transmissão na clínica psicanalítica da primeira infância: notas sobre um trabalho com imagens. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. PPG em Educação.

Diniz, M. (2011). O método clínico e sua utilização na pesquisa. *Revista Espaço Acadêmico*, n 120.

Ferenczi, S. (1933/1992). Confusão de línguas entre adultos e crianças. In: Ferenczi, S. *Psicanálise IV* - 1ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Ferrari, A. G., Fernandes, P. P., Silva, M. R., Scarpinello, M. (2017). A experiência com a Metodologia IRDI em creches: pré-venir um sujeito. *Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, 20(1), 17-33.

Figueiredo, L. C. (2009). *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta.

Freud, S. (1969). Três Ensaio Sobre a Sexualidade Infantil. In: *Salomão, J. (1969) Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. VII) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (1980). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud* (Jayme Salomão, trad.). (Vol. 1, pp. 243-380). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1892-1899]).

Freud, S. (1980). A interpretação dos sonhos. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud* (Jayme Salomão, trad.). (vols. 4, 5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

Freud, S. (2010). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In: Freud, S. *Observações sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: ("O caso Schreber"), artigos sobre a técnica e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912).

Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In: Freud, S. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (2010). Os instintos e seus destinos. In: Freud, S. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In: Freud, S. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).

Fulgencio, L. (2020). *Psicanálise do ser: a teoria winnicottiana do desenvolvimento emocional como uma psicologia de base fenomenológica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Gerber, I. (1999). Caminhos da intersubjetividade: Ferenczi, Bion, Matte-Blanco. *Psicologia USP*, 10(1), 141-155.

Graña, R. B. (2011). Mutualidade, comunicação silenciosa e identificações cruzadas. In *Winnicott: ressonâncias*. São Paulo: Primavera Editorial.

Guerra, V. (2009). Indicadores de intersubjetividade (0-2 años) en el desarrollo de la autonomía del bebé. In S. Mara (Org.). *Aportes para la elaboración de propuestas educativas – Primera Infancia: la etapa educativa de mayor relevância* (pp. 87-126) Montevideo, Uruguay: Ministério de Educación y Cultura.

Guerra, V. (2014). Indicadores de Intersubjetividade (0-12 m). Del encuentro de miradas al placer de jugar juntos. *Ass. Psicanalistas del Uruguay. Psicanálise*, 16(1), 209-235.

Guerra, V. (2017). Diferentes funções do ritmo na subjetivação e na criação. *Cáliban: Revista Latinoamericana de Psicanálise*, 15(1).

Iaconelli, V. (2023). *Manifesto antimaternalista: psicanálise e políticas da reprodução*. Rio de Janeiro: Zahar.

Ide, D. S. (2021). Pela inclusão do vídeo na psicanálise: espelho, espelho meu, que olhos grandes você tem! *Estilos da Clínica*, 26(2), 312-327.

Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica?. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 6(1), 115-138.

Jerusalinsky, J. & Berlinck, M. T. (2008) Leitura de bebês. *Estilos da Clínica*, v. 13, n. 24, São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, p.122-131.

Kuhlmann, M. (1998). *Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação.

Kupfer, M. C., Jerusalinsky, A., Bernardino, L., Wanderley, D, Rocha, P, Molina, S, Sales, L, Stellin, R, Pesaro, M, Lerner, R. (2009). Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: Um estudo a partir da teoria psicanalítica. *Lat. Am. Journal of Fund. Psychopath. Online*, v. 6, n. 1, p. 48-68.

Kupfer, M. C. M.; Fonseca, P. F. (2022). Escuta de bebês. *Estilos da Clínica*, 27(1), 1-2.

Larrosa, J. (2011) Experiência e alteridade em educação. *Revista Reflexão e Ação*, 19(2), 04-27.

Lispector, C. (2020). *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco.

Lucero, A.; Imperial, R. T.; Rosi, F. S.; Gonçalves, L. G.; Gava, M.; Bersot, M.; Santos, J. L. G. (2021). O uso de objetos e filmagem no tratamento psicanalítico em grupo de crianças autistas. *Psicologia USP*, v. 32.

Macedo, M. M. K.; Dal Forno, C. (2021). Pesquisa psicanalítica: da transferência com a psicanálise à produção do ensaio metapsicológico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37.

Machado Junior, P. P. (2012). Expressões do reconhecimento e da sujeição na experiência intersubjetiva. *ALTER - Revista de Estudos Psicanalíticos*, 30(2), 97-108.

Mariotto, R. M. M. (2009). *Cuidar, educar e prevenir: as funções da creche na subjetividade de bebês*. São Paulo: Escuta.

Melo, C. V. (2017). *Comunicação e intersubjetividade na teoria e na técnica contemporânea*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Mendes, S. L. (2015). Tecendo a história das instituições do Brasil infantil. *SABERES*, Natal – RN, 1(11), 94-100.

Montagna, P. (2011). Níveis de mutualidade. In *Winnicott: ressonâncias*. São Paulo: Primavera Editorial.

Moreira, J. O.; Oliveira, N. A.; Costa, E. A. Psicanálise e pesquisa científica: o pesquisador na posição de analisante. *Tempo Psicanalítico*, 50(1), 119-142.

Ogden, T. (2002). Lendo Winnicott. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36(4), 737-755.

Pesaro, M. E.; Kupfer, M. C. M. (2016). Um lugar para o sujeito-criança: os Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI) como mediadores do olhar interdisciplinar sobre os bebês. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 5(9), 58-68.

Puccinelli, M. F.; Silva, M.R. (2020). Educador suficientemente bom: uma releitura winnicottiana dos indicadores do IRDI. *Psicologia em Revista*, 26(3), 921-940.

Rodulfo, R. (2004). *Desenhos fora do papel: da carícia à leitura-escrita na criança*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rodulfo, R. (2008). *El psicoanálisis de nuevo: elementos para la deconstrucción del psicoanálisis tradicional*. Buenos Aires: Eudeba.

Rodulfo, R. (2012). *Padres e hijos: en tiempos de la retirada de las oposiciones*. Buenos Aires: Paidós.

Rosa, D. J. (2018). O educador e a assessoria EP/PI de Porto Alegre em cena na prevenção do autismo. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. PPG em Psicanálise: Clínica e Cultura.

Roudinesco, E.; Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Roussillon, R. (2011). A intersubjetividade e a função mensageira da pulsão. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45(3), 159-166.

Segato, R. L. (2006) O Édipo brasileiro: a dupla negação de gênero e raça. *Série Antropologia*, n. 400.

Serralha, C. A. (2018). “Não atendo criança”: situações de risco para a não constituição do si mesmo individual. Curitiba: CRV.

Serralha, C. A. (2019). O espaço potencial: da origem à evolução. *Estilos da Clínica*, 24(1), 157-172.

Silva, H. L. F. (2006). As trabalhadoras da educação infantil e a construção de uma identidade política. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.

Silva, M. R.; Medeiros, C. B.; Arrosi, K. E.; Ferrari, A. G. (2021). Que bom que ele havia estranhado: considerações sobre a Metodologia IRDI. *Revista Psicologia Escola e Educacional*, v. 25.

Silva, M. R.; Ferrari, A. G. (2021a). A experiência de acompanhamento de bebês em escolas de educação infantil através da Metodologia IRDI. *Arquivos Brasileiros de Psicologia* (Rio de Janeiro. 1979), v. 73, p. 172-188.

Silva, M. R.; Ferrari, A. G. (2021b). Indagações contranormativas sobre os usos dos conceitos de “função materna”, “função paterna” e maternagem. In *Relações de Gênero e Escutas Clínicas*. Bahia: Editora Devires.

Silva, M. R.; Oliveira, B. C.; Ferrari, A. G. (2022). Da experiência ao relato clínico: Desafios do registro em uma pesquisa psicanalítica. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 25(2), 31-38. .

Silva, E. X. L; Silva, L. R.; Ferrari, A. G.; Silva, M. R. (2023). Os fenômenos transicionais de Winnicott como conceito operador metodológico para a pesquisa psicanalítica. *Psico USP*.

Spitz, R. (1960). *Desenvolvimento emocional do recém-nascido*. São Paulo, SP: Biblioteca Pioneira.

Stern, D. (1992). *O mundo interpessoal do bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Teperman, D. W. (2005). *Clínica psicanalítica com bebês: uma intervenção a tempo*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo/Fapesp.

Vilete, E. (2013). Comunicação no *setting*: do silêncio à interpretação. In E. Vilete, *Sobre a arte da psicanálise*. São Paulo: Ideias & Letras.

Wiles, J; Ferrari, A. G. (2020). Do cuidado com o bebê ao cuidado com o educador. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 24.

Winnicott, D. W. (1952a/2021). Psicose e cuidados maternos. In *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu Editora.

Winnicott, D. W. (1952b/2021). Ansiedade associada à insegurança. In *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu Editora.

Winnicott, D. W. (1953/2019). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu.

Winnicott, D. W. (1960/1983). Distorções do ego em termos de falso e verdadeiro “*self*”. In *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed.

Winnicott, D. W. (1963/1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed.

Winnicott, D. W. (1966a/1994). Sobre os elementos masculinos e femininos ex-cindidos. In *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed.

Winnicott, D. W. (1966b/1994). A mãe dedicada comum. In *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D. W. (1967/2019). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In *O Brincar e a Realidade*. São Paulo: Ubu.

Winnicott, D. W. (1968a/1994). A comunicação entre a mãe e o bebê e o bebê e a mãe. In *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D. W. (1968b/2019). O uso de um objeto e a relação por meio de identificações. In *O Brincar e a Realidade*. São Paulo: Ubu.

Winnicott, D. W. (1969/1994). A experiência mãe-bebê de mutualidade. In *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed.

Winnicott, D. W. (1975/2019). *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu Editora.

Winnicott, D. W. (1986/1999). Vivendo de modo criativo. In *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D. W. (1988/2012). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.

Zavaroni, D. M. L.; Viana, T. C.; Celes, L. A. M. (2007). A constituição do infantil na obra de Freud. *Estudos de Psicologia*, 12(1), 65-70.